

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Deus, Rodrigo Moita de

Mas não faz mal : foi com boa intenção

<http://hdl.handle.net/11067/6464>

<https://doi.org/10.34628/nrn2-2c83>

Metadados

Data de Publicação	2022
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-01T23:06:54Z com informação proveniente do Repositório

MAS NÃO FAZ MAL. FOI COM INTENÇÃO

Rodrigo Moita de Deus

DOI: <https://doi.org/10.34628/nrn2-2c83>

Somos um povo de intentos. Tanto assim que até definimos atos, palavras pelas suas intenções. Independentemente das suas consequências. Pela sua boa ou má intenção. Sendo que a boa intenção perdoa quase tudo. Mesmo com péssimos resultados. Ou especialmente com péssimos resultados. No final do dia alguém lembrará que é “péssimo”, mas feito com “boa intenção”. E é coisa transversal. Na casa, no trabalho ou na política. E quando somos confrontados com o erro, lá vem a expressão “não foi de propósito”. Sendo que o “propósito” é primo direito do “intento”.

É cultural. É mentalidade coletiva. Expressões como “não há atalhos” ou “falhar não é uma opção” são vistas como reflexo de uma sociedade desumanizada porque “errar é humano”. E lá vamos dizendo que “pelo menos tentou”. Ou pior: foi com “boa vontade”.

Utilizar a intenção como juízo crítico, fazendo prevalecer o intento sobre os resultados é (mais ou menos) aquilo que explica o nosso atraso estrutural para outros países. Por uma razão simples: todos temos boas intenções. Mesmo quando não temos, estamos convencidos que sim.

Somos um povo de intentos. E o intento funciona para mitigar “culpas”, mas especialmente “responsabilidades”.

A prevalência do intento permite-nos fazer quase tudo, dizer quase tudo sem, colocando no outro o ónus de aceitar as consequências das nossas próprias palavras e atos. E quando avaliamos essas palavras e esses atos, não pelas consequências, mas pelas intenções, permitimos também o predomínio do eu” sobre aqueles que nos rodeiam. Aqueles que têm que viver com as consequências dessas palavras e atos.

Somos um povo cheio de intentos. Cheio de vontades. Dito de outra forma. Somos um povo cheio de boas intenções. Cheio de boas vontades. E, ao que consta, o inferno também. Gente simpática, caridosa e humana. Gente que quando erra explica que “não foi de propósito”. Somos o único povo que acredita em “erros-propositados”. Mesmo que a definição simplesmente não faça sentido. Mas não faz mal. É com boa intenção.